

EULÁLIO DE MIRANDA MOTTA, CRONISTA DA CIDADE: EDIÇÃO CRÍTICO-GENÉTICA DE DOIS FOLHETOS

Patrício Nunes Barreiros

UEFS/UNEB

“O texto, no caminho que o move e em que se move, é o itinerário de Hermes para a mensagem; é, em sua totalidade, a experiência da própria vida em que o autor, obra e interprete se exercem: o princípio e o caos e o caos se instaura em sujeitos e ações numa cissiparidade.” (CAFEZEIRO, 1993, p. 115)

INTRODUÇÃO

O escritor baiano Eulálio de Miranda Motta (1907-1988) iniciou sua atividade literária no princípio da década de 1920, quando ainda vivia na Fazenda Morro Alto, no município de Mundo Novo. Entretanto, foi em Salvador, entre os anos de 1926 e 1933 que ele consolidou a sua carreira de escritor. Durante a sua estada na Capital, Eulálio publicou poemas em jornais e revistas, teve dois livros seus impressos (*Alma enferma* em 1931 e *Ilusões que passaram* em 1933), freqüentou rodas de escritores, fez amigos no meio intelectual da época e formou-se em Farmácia pela antiga Faculdade de Medicina da Bahia. Em 1933, Eulálio Motta deixou a Capital e retornou a Mundo Novo. Distante do clima favorável à poesia parnasiano-simbolista, ele dedicou-se ao jornalismo, identificou-se com outros estilos literários de cunho mais populares, como crônicas, cordéis, causos e trovas. Em Mundo Novo, Eulálio Motta dedicou-se também à política, filiou-se ao Partido Integralista, tornando-se um militante fervoroso, discursando em comícios por diversas cidades do interior.

Eulálio Motta sempre manteve uma relação estreita com a literatura e o jornalismo. Radicado em Mundo Novo, ele contribuiu para os jornais locais e de outras cidades circunvizinhas. Ajudou a fundar o jornal *Mundo Novo* e *Olho Vivo*, ambos de Mundo Novo, foi responsável por uma coluna do jornal *O Serrinhense*, intitulada *Atualidades*, por mais de 20 anos, e contribuiu assiduamente para o jornal *Folha do Norte* de Morro do Chapéu. Mas, para Eulálio, não foi suficiente o espaço concedido pelos jornais, assim, ele inaugurou na cidade um mecanismo de comunicação que fazia chegar o texto aos seus leitores de forma mais direta; mandava imprimir folhetos com crônicas, cordéis, poesias, cartas dirigidas a autoridades locais e os distribuía entre as pessoas da comunidade. Com esta prática, Eulálio Motta mantinha um contato direto com os seus leitores, sem que houvesse censura aos seus textos. Dessa forma, ele criou um espaço próprio para se comunicar, no qual ele era o autor, o revisor e o editor chefe. Eulálio Motta

iniciou esta prática de publicar folhetos em Mundo Novo no ano de 1940, estendendo-se por quatro décadas até 1983 quando publicou o último folheto.

Através da publicação dos folhetos, Eulálio Motta assumiu o lugar do cronista da cidade, fazendo-nos lembrar dos primeiros cronistas a despeito de Fernão Lopes encarregado de escrever a crônica da primeira dinastia de reis de Portugal. A leitura atenta dos folhetos publicados por Eulálio Motta, revela uma parte da história da cidade de Mundo Novo. A exemplo, pode-se citar a crônica *O Melhor café do mundo* publicada em 31 de outubro de 1974, na qual, Eulálio Motta resgata um episódio da história de Mundo Novo, destacando que, em 1911 em Turim, na Itália, o café de Mundo Novo ganhou o prêmio de melhor café do mundo.

Durante o período que Eulálio Motta viveu na Capital (1926-1933), a imprensa por lá já havia conquistado importante espaço e mantinha grande influência no âmbito da política, do comércio e da vida intelectual. Assim, quando Eulálio Motta retornou a Mundo Novo, trouxe consigo toda uma experiência vivida em Salvador, onde os intelectuais se revezavam na imprensa, exercendo a crítica jornalística.

O jornal era o espaço onde se expunham as idéias políticas, discordava-se ou concordava-se das ações do governo, difundiam-se ideologias, publicavam-se textos literários e exercia-se a boa e a má crítica literária. Era através dos jornais e das revistas que se notabilizava um escritor e uma obra ou os detratava. É fato, por exemplo, que o movimento modernista foi apresentado à Bahia quase que exclusivamente através dos jornais e das revistas.

Com o intuito de manter contato com a população mundonovense, expondo suas ideologias políticas, criticando o governo local e encontrando espaço para publicar sua produção literária, Eulálio Motta deu início à prática de publicação de folhetos, já que em Mundo Novo os jornais tinham sempre vida curta, logo faliam e eram vendidos.

No espólio do autor constam catalogados 42 folhetos publicados por Eulálio Motta¹. De acordo com Barreiros (2007, p. 47)

No que diz respeito à política mundonovense, Eulálio exerceu grande influência, tanto como escritor, através de cordéis publicados em panfletos na cidade, quanto através de sua oratória. As crônicas de Eulálio, às vezes, são carregadas de denúncias, outras vezes ovacionam certas figuras políticas e depreciam outras [...]

Portanto, neste trabalho pretende-se apresentar uma edição crítico-genética de dois folhetos publicados por Eulálio Motta em Mundo Novo. Tratam-se dos folhetos *O Telefone* publicado em 28 de março de 1977 e *CHEGOU!* publicado em setembro de 1977.

¹ O espólio de Eulálio de Miranda Motta foi organizado e catalogado por Patrício Nunes Barreiros. O estudo sobre o espólio de Eulálio Motta foi apresentado na dissertação de mestrado intitulada *Cantos tristes, no cemitério da ilusão: edição dos sonetos de Eulálio de Miranda Motta*. Defendida no Programa de Pós-graduação em Literatura e Diversidade Cultural da Universidade Estadual de Feira de Santana, em março de 2007.

2 EDIÇÃO CRÍTICO-GENÉTICA DOS FOLHETOS

Ao se debruçar sobre o espólio do escritor Eulálio de Miranda Motta o filólogo se depara com infinitas possibilidades de estudos, já que ali se encontram documentos manuscritos, datiloscritos e impressos dos mais variados tipos. Às vezes, um mesmo texto apresenta diversos testemunhos, possibilitando acompanhar o processo de criação e as múltiplas variantes autorais. Portanto, os documentos do espólio de Eulálio Motta é um campo fértil para estudos de crítica textual e de crítica genética.

Ao editar um texto, o filólogo precisa estar atento às suas especificidades e o objetivo que se quer atingir com a edição (BARREIROS, 2007, p.138), além das possibilidades de estudos que o texto pode oferecer. Em se tratando do *corpus* a ser apresentado neste trabalho, um estudo crítico-genético é o mais adequado já que os textos apresentam testemunhos manuscritos e impressos com múltiplas variantes.

Para Telles (2004, p. 32),

Numa edição crítica, a partir das variantes autorais, pode o editor crítico oferecer, além do texto definitivo, uma demonstração do processo de criação autoral. Uma edição crítica dá conta dessas variantes autorais, tanto no aparato crítico quanto na descrição dos testemunhos. Entretanto uma edição crítica somente leva em consideração alguns dessas emendas autorais, aquelas que correspondem à última fase da intervenção do autor, registrando-as no aparato crítico. Na descrição do testemunho limita-se a indicá-las. As diferentes campanhas do autor não são analisadas. Para isso é necessário pensar-se em uma edição que abranja as características da edição crítica e dê conta de um aparato genético. Faz-se mister, então, que se preparem edições crítico-genéticas ou genético-críticas, que tragam, ao lado do aparato crítico, o aparato genético.

Portanto, ao editar os folhetos *O Telefone* e *CHEGOU!*, propõe-se apresentar não apenas o texto definitivo acompanhado do aparato crítico, mas também um estudo das variantes e a constituição de um aparato genético, no qual se pretende demonstrar o processo de criação do texto, percebendo o seu movimento. Segundo Cafezeiro (2003, p. 115)

[...] o texto é [...] uma experiência vivida: seqüências contextuais e imaginárias ou supra seqüenciais, ou ainda segmentações e supra segmentações (subliminidades). O caminho mais sereno para sua análise é a procura da gênese e do processo de evolução, vale dizer: uma investigação que marque a essência, os fenômenos que a fizeram desenvolver e o próprio desenvolvimento.

Considerando que o texto não é uma construção estática e diante das diferentes etapas que ele se apresenta através dos manuscritos e suas variantes, propõe-se a presente edição. Apesar de já ter sido feita a edição dos sonetos de Eulálio Motta (BARREIROS, 2007), este é o primeiro trabalho de edição de texto do autor numa perspectiva crítico-genética.

2.1 Critérios adotados na edição

- a) Para o texto de base escolheu-se o impresso;
- b) Os versos foram numerados de 5 em 5 e indicados à margem esquerda;
- c) Utilizaram-se os seguintes símbolos no aparato:
 - i) < > segmento autógrafo riscado, apagado;
 - ii) [] acréscimo;
 - iii) † palavra ilegível
 - iv) [↑] acréscimo na entrelinha superior;
 - v) < > [↑] substituição por riscado e acrescentamento na entrelinha superior;
 - vi) < > [↓] substituição por riscado e acrescentamento na entrelinha inferior;
 - vii) < > [→] substituição por riscado e acrescentamento na margem direita;
 - i) < > / \ substituição por sobreposição, na relação <substituído> /substituído\;
 - viii) [↑] acréscimo na entrelinha superior;
 - ix) [↓] acréscimo na entrelinha inferior;
 - ii) [→] acréscimo na margem direita;
 - iii) [←] acréscimo na margem esquerda;
- d) Manteve-se o uso de maiúsculas, conforme o texto de base;
- e) A pontuação do texto foi mantida conforme apresentada no texto de base;
- f) Corrigiram-se erros óbvios de acentuação gráfica e de grafia;

2.2 O telefone

Trata-se de um poema de cordel, contendo 6 estrofes de 4 versos heptassílabos, com rimas alternadas, publicado em 28/03/77. Apresenta dois testemunhos; um manuscrito (MT) e um folheto impresso (FT). Através desse cordel, o autor reivindica das autoridades providências para a instalação do sistema de telefone na cidade de Mundo Novo, alegando que a cidade está órfã da atenção dos políticos.

2.2.1 Descrição física dos testemunhos

MT

Manuscrito em papel pautado, medindo 310mmX200mm, amarelado pela ação do tempo, com rasgões na borda esquerda da folha e na altura superior, em tinta azul e preta, contendo a assinatura do autor e a data de 23-3-977 "Liota". Observa-se que a sexta e última estrofe, em tinta preta, foi acrescentada em uma outra campanha, na qual o autor complementou o poema.

FT

Folheto impresso, medindo 210mmX100mm, a mancha escrita ocupa todo a folha, em tinta preta. O título em destaque no alto da folha. Nas linhas 11 e 14 há correções em

tinta vermelha. Constan local e data e a assinatura do autor “Mundo Novo, 28/03/77, Liota”

2.2.2 Texto crítico e aparato

FT

O TELEFONE

- | | | |
|----|------------------------------|--|
| | E o telefone não vem... | FM vem<!> |
| | Mundo Novo assim não vai! | |
| | Sai prefeito entra prefeito, | FM Sai prefeito, entra prefeito, |
| 5 | E o telefone não sai! | FM sai... |
| | “Dentro de noventa dias” | |
| | Diz Miquinha, “a coisa vai!” | |
| | E vão-se os noventa dias | |
| 10 | E o telefone não sai... | FM sai! |
| | “Dentro de noventa dias” | FM dias,” |
| | O Miquinha a repetir.. | |
| | E vão-se os outros noventa | FM vão-se outros FI E vão-se [os ?] outros noventa |
| | Sem telefone sair... | |
| 15 | Mexem na torre, remexem, | |
| | A torre é firme, não cai. | FM cai... FI A torre é [!firme] forte, não cai. |
| | Mas com tal mexe e remexe | |
| | O telefone não sai... | |
| | O Mundo Novo está órfão! | FM FI órfão |
| 20 | Órfão de mãe e de pai! | FM FI Orfão |
| | É por isto certamente, | FM isto, certamente, |
| | Que o telefone não sai... | |
| | Eminente Dr. Alfa, | FM Alva |
| | Deste órfão queria ser pai! | FM FI órfão |
| 25 | Pois do contrário, Dr., | |
| | O telefone não sai! | |

2.3 Chegou!

Trata-se de um poema de cordel, contendo 7 estrofes de 4 versos heptassílabos, com rimas alternadas. O texto apresenta dois testemunhos; um manuscrito (MC) no caderno *Diário de um João Ninguém* (f. 32v) e (f. 33r) e um folheto impresso (FC). Através deste folheto o autor dá a notícia da instalação do sistema de telefonia em Mundo Novo, reivindicada no folheto *O Telefone* e cobra a melhoria na captação do sinal de televisão na cidade.

2.3.1 Descrição física dos testemunhos

MC

Manuscrito nos (f. 32v) e (f.33r) no caderno *Diário de um João Ninguém*. As folhas são pautadas medindo 200mmX140mm, em bom estado de conservação.

No (f. 32v) consta apenas a última estrofe do poema. Nas 9 primeiras linhas há duas estrofes de um poema sem título. À linha 11 consta um traço e abaixo (linha 12) está escrito: “continuação de “chegou!””. Das linhas 14 a 17, consta uma estrofe de quatro versos e à linha 19 a assinatura do autor e a data. Em tinta azul.

No (f. 33r) constam cinco estrofes com quatro versos cada, há emendas, rasuras e borrões. Em tinta azul.

FC

Folheto impresso, medindo 110mmX270mm, a mancha escrita ocupa todo a folha, em tinta preta. O título em destaque no alto da folha. Consta local e data e a assinatura do autor “Liota / Mundo Novo, Setembro de 1977”.

2.3.2 Texto crítico e aparato genético

FC

CHEGOU!

- Os versinhos bem bolados
Que todo mundo gostou, MC gostou...
Agora voltam gritando: MC E o resultado está aí:
5 O telefone chegou!
- Quem não chora é que não mama. MC mama...
Nos versinhos se chorou...
Valeu a pena chorar

- 10 Que o telefone chegou! MC chegou...
- O povo entrou com "tutu"... MC "tutu"
- Prefeitura completou... MC pagou...
- Valeu a pena, valeu...
- Que o telefone chegou! MC chegou...
- 15 Muita gente endinheirada
Cooperar recusou. MC Colaborar se negou...
- Apesar desses pães duros
O telefone chegou! MC de tais pães duros...
- MC chegou...
- 20 Um restinho de tristeza,
Todavia inda ficou: MC Um <pouquinho> /restinho\ <†> [!de] <tristeza>
- É que veio o telefone MC Todavia,
- Mas TEVÊ não melhorou! MC É <chegava> o telefone
- MC Mas a tevê não <chegou> /melhorou\...
- 25 Resta, entretanto, esperança
Com gostosura de mel: MC [!]<Na> /Resta\ esperança, entretanto,
- O canal 4 promete MC [!]<Com gostosura de mel:
- Ser nosso Papai Noel... MC [!]<O canal 4 promete
- FC papai MC [!]<Ser nosso papai Noel...
- 30 Que venha também o 5 MC <4> /5\
Uma vez que o 4 vem... MC <5> /4\
"Um é pouco... dois é bom..."
- Não fazem mal a ninguém...

Liota

MC Liota 12,9,77

Mundo Novo, Setembro de 1977

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho evidenciou a viabilidade de se editar os folhetos escritos por Eulálio Motta sob uma perspectiva crítico-genética. Espera-se que este trabalho represente o início de uma série de edições crítico-genética dos folhetos de Eulálio Motta.

REFERÊNCIAS

- BARREIROS, Patrício Nunes. *Cantos tristes, no cemitérios da ilusão: edição dos sonetos de Eulália de Miranda Motta*. 2007. 346f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural) – Departamento de Letras, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana.
- BARREIROS, Patrício Nunes. *Da organização do espólio à edição crítica da obra de Eulália de Miranda Motta*. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/10/11.htm>>. Acesso em 15 jan. 2007.
- BARREIROS, Patrício Nunes. Da organização do espólio à edição crítica da obra de Eulália de Miranda Motta. In: ATAS DO IX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA Rio de Janeiro: UERJ, p. 117-136, 2005. v. 3.
- BARREIROS, Patrício Nunes. Resgatando a memória cultural do sertão baiano através da obra de Eulália de Miranda Motta. In: ANAIS DO IV ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, INIC. São José dos Campos: Editora da UNIVAP, p. 156, 2000.
- BARREIROS, Patrício Nunes. Um Correspondente dos sertões: travessias poéticas. In: ANAIS DA 52ª REUNIÃO ANUAL DA SBPC. Brasília: SBPC, p. 258, 2000.
- BARREIROS, Patrício Nunes. Uma tentativa de resgate da memória através da produção literária de escritores sertanejos. In: ANAIS DO V ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA. Taubaté: UNITAU, p. 48, 2000.
- CAFEZEIRO, Edwaldo. Gênese e processo da edição crítica. In: III ENCONTRO DE ECDÓTICA E CRÍTICA GENÉTICA. Anais. João Pessoa: UFPE, 1993.
- CALMON, Pedro. *História da literatura babiana*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949.
- CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CARVALHO, Rosa Borges Santos. *Um estudo das variantes nos testemunhos de O Cão de Borão de Arthur De Salles*. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viicnlf/anaís/caderno04-17.html>>. Acesso em: 15 de jan. 2007.
- CARVALHO, Rosa Borges. *Poemas do mar de Arthur de Salles: edição crítico-genética e estudo*. 2002. xxxvi + 809 + 56 f. 2v. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- DUARTE, Luiz Fagundes. Acerca d'A Capital: a gênese de um romance virtual. In: *A Fábrica dos textos: ensaios de Crítica Textual acerca de Eça de Queiroz*. Lisboa: Cosmos, 1993.
- GUIMARÃES, Júlio Castañon. Entre periódicos e manuscritos. In: SOUZA, Eneida Maria de. MIRANDA, Wander Melo (Org.). *Arquivos literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 101-115.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 4. ed. Tradução Bernardo Leitão. Campinas: Unicamp, 1996.
- MENDES, Marlene Gomes. *Edição crítica em uma perspectiva genética de "As Três Marias" de Rachel de Queiroz*. Niterói: Eduff, 1998.
- SANTOS, Rosa Borges dos. A Filologia textual e a gramática estilística do autor. In: TEIXEIRA, Maria da Conceição R.; QUEIROZ, Rita de Cássia R. de; SANTOS, Rosa Borges dos (Org.) *Diferentes perspectivas dos estudos filológicos*. Salvador: Quarteto, p. 79, 2006.
- SPAGGIARI, Bárbara; PERUGI, Maurizio. *Fundamentos da crítica textual*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- TAVARES, Luís Guilherme Pontes (Org.). *Apontamentos para a história da imprensa na Bahia*. Salvador: Academia de Letras da Bahia, 2005.
- TELLES, Célia Marques. No caminho de uma edição crítico-genética. *Revista V Império*. Salvador, nº ano, 29-45, 2004.